



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ– BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANDRÉ GOMES AZEVEDO

VIVIANE DE LIMA LOPES

**DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL PÓS-PANDEMIA**

BREVES-PA
2023

ANDRÉ GOMES AZEVEDO
VIVIANE DE LIMA LOPES

**DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL PÓS-PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciados em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Miranda Costa.

BREVES-PA
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

A994d Azevedo, André Gomes.
Desafios da alfabetização nos anos iniciais do ensino
fundamental pós-pandemia / André Gomes Azevedo, Viviane de Lima
Lopes. — 2023.
28 f.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliane Miranda Costa
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de Educação,
Breves, 2023.

1. Alfabetização. 2. Educação. 3. Pandemia. 4. COVID 19.
I. Lopes, Viviane De Lima. II. Título.

CDD 372.21

ANDRÉ GOMES AZEVEDO
VIVIANE DE LIMA LOPES

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL PÓS-PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau de
Licenciados em Pedagogia, pela Universidade
Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Miranda Costa.

Data de aprovação: 30/03/2023.

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliane Miranda Costa
Orientadora - UFPA

Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes
Examinador interno - UFPA

Profa. Dra. Vivianne Nunes da Silva Caetano
Examinador interno - UFPA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus por nos sustentar até aqui e dar ânimo para superar todos os obstáculos. Sem Deus nada seria possível. Esse sonho não seria realizado. De modo especial eu, André, sou grato ao meu pai, Adelcri Azevedo, e a minha mãe, Alcione Gomes, por cooperarem para minha permanência nos estudos e sempre apoiarem minhas decisões. Também agradeço todos os meus familiares que estiveram ao meu lado nessa trajetória. Sou grato à Viviane de Lima Lopes por me convidar para escrever este trabalho e demonstrar parceria e comprometimento.

Quanto a mim, Viviane de Lima Lopes, agradeço aos meus pais, Maria José Lopes e Assunção Lopes, pelo apoio incondicional em toda minha trajetória. Sei que eles fizeram de tudo para que eu pudesse me formar e ter um futuro com melhores oportunidades. Agradeço também os familiares que me ajudaram nessa trajetória. Em especial, agradeço ao meu companheiro Wellysson Amaral, por estar ao meu lado durante toda minha formação, me apoiando e dizendo o quanto eu era capaz de fazer tudo. Gratidão ainda à minha amiga Edna, por me trazer para faculdade todos os dias quando eu não tinha transporte, e por sempre ficar feliz com minhas conquistas. Serei sempre grata também ao amigo André, que topou escrever este trabalho comigo, e mesmo com incertezas conseguimos com muita parceria e perseverança concluí-lo.

Nossos agradecimentos à Profa. Dra. Eliane Costa, que aceitou nos orientar, e com disponibilidade e muita paciência contribuiu para que esse trabalho progredisse, e por todos os ensinamentos durante as disciplinas ministradas. Aos nossos mestres do curso, que contribuíram grandiosamente para nossa formação, e aos nossos colegas da Pedagogia 2018 que trilharam este caminho conosco. Queremos ainda agradecer a escola de ensino fundamental da cidade de Breves, lócus desta pesquisa, e todos os seus por nos receberem com carinho e respeito. Por fim, agradecemos a FECH e todos os funcionários do CUMB, por toda ajuda disponibilizada durante os 5 anos que estivemos vinculados à UFPA.

“Até aqui nos ajudou o SENHOR”. (1 Samuel 7:12)

RESUMO

Este artigo discute os desafios da alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental pós-pandemia em uma escola pública na cidade de Breves. Partimos dos seguintes objetivos: Identificar os impactos da pandemia no processo de alfabetização de crianças do 1º ao 5º ano no retorno as aulas presenciais; Analisar os desafios enfrentados pelos docentes para alfabetizar; Conhecer as estratégias utilizadas pelos docentes para enfrentar esses desafios. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que fez uso de dados bibliográficos, documental, observação-participante e conversas informais com docentes da escola-campo. Teoricamente, busca fundamentos em autores como Magda Soares (1985; 2003), Silva e Mendes (2022) e outros. Os dados analisados revelaram que muitos alunos apresentaram dificuldades em relação a coordenação motora fina, identificação de alguns fonemas e compreensão dos conteúdos, bem como a falta de formação continuada, falta de recursos e falta de tempo para planejamento das atividades por parte dos docentes. E uma das principais estratégias utilizadas pelos docentes foi o ditado, método tradicional que, reconfigurado, apresentou bons resultados.

Palavras-chave: Educação; Alfabetização; Pandemia.

ABSTRACT

This paper discusses the challenges of literacy in the early years of elementary education after the pandemic in a public school in the city of Breves. We started from the following objectives: Identify the impacts of the pandemic in the literacy process of children from 1st to 5th grade in the return to classroom; Analyze the challenges faced by teachers to teach literacy; Know the strategies used by teachers to face these challenges. This is a qualitative research that made use of bibliographic and documental data, participant observation, and informal conversations with teachers from the field school. Theoretically, it seeks foundations in authors such as Magda Soares (1985; 2003), Silva and Mendes (2022) and others. The data analyzed revealed that many students had difficulties regarding fine motor coordination, identification of some phonemes and content understanding, as well as the lack of continuing education, lack of resources and lack of time for planning activities by teachers. One of the main strategies used by the teachers was dictation, a traditional method that, when reconfigured, showed good results.

Keywords: Education; Literac; Pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS ACERCA DO MÉTODO DE ENSINO	11
3	PANDEMIA E EDUCAÇÃO: EFEITOS E DESAFIOS À ALFABETIZAÇÃO	17
4	DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO OBSERVADOS DURANTE A PESQUISA	19
4.1	Lócus da pesquisa	19
4.2	Procedimentos metodológicos	20
4.3	Desafios da alfabetização: “retrocessos” e avanços na aprendizagem	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O texto pauta os desafios pedagógicos enfrentados por docentes acerca da alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental no retorno ao ensino presencial em uma escola pública em Breves/PA, no Marajó. O interesse por essa abordagem surgiu a partir da experiência que vivenciamos durante a disciplina Estágio Curricular em Docência no Ensino Fundamental, componente obrigatório do currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia. Nessa vivência, por meio das atividades de observação e regência percebemos e ouvimos de vários professores que, após dois anos de isolamento social, os alunos apresentavam muitas dificuldades com a leitura. Muitos alunos que já estavam sendo alfabetizados, antes da pandemia, demonstraram que não evoluíram e, ainda, “esqueceram” o que sabiam.

Apoiados em Ferreira, Ferreira e Zen (2020, p. 285) entendemos a alfabetização como atividade pedagógica voltada para “o aprender-ensinar uma língua (que já usamos) e que, passará a ser apreendida no âmbito da leitura e escrita” em um intenso processo de inclusão social. Isso significa que a alfabetização não se reduz ao ensinar ler e escrever, envolve o saber fazer uso do ler e do escrever, isto é, a responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente (SOARES, 2003). Em outras palavras “ser alfabetizado requer algum nível de letramento” (SOARES, 2003, p. 20).

No entendimento de Magda Soares (2003, p. 90):

Alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos e sobrepostos, e é importante distingui-los, ao mesmo tempo em que é importante aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele.

Soares (2003) nos ensina que o processo de alfabetização e letramento é sempre um processo de interação social. Dinâmica essa que o ambiente escolar deve proporcionar, principalmente, quando há por parte dos docentes incentivo para que o/a aluno/a desenvolva a capacidade de interagir e trocar conhecimento e assim construir um processo de aprendizagem crítico.

Como é de conhecimento nacional (e mundial), a pandemia do Covid-19 impactou em todas as esferas e dimensões da sociedade. No campo da educação implicou na paralização do ensino presencial em função da adoção da estratégia do isolamento social, indispensável para frear a proliferação do vírus. O fechamento imediato das escolas obrigou aos órgãos e instituições a buscarem estratégias para dar continuidade nas atividades escolares, assim inspirados nos pressupostos da metodologia da educação a distância adotou-se o Ensino Remoto Emergencial (ERE), que consistiu no uso de aplicativos, salas virtuais *online* e, também, cadernos impressos entregues aos alunos de acordo com o período definido pelas unidades de ensino.

De acordo com Moraes (2020, p. 48) o ERE foi “regulamentado pelas portarias ministeriais 343, 345, 395, 544 todas do corrente ano e mais a medida provisória 924/2020, convertida na Lei nº 14.040/2020”. Essas portarias autorizaram a suspensão das aulas presenciais no ensino superior e a respectiva substituição pelo ERE com uso de meios tecnológicos. A Lei nº 14.040/2020, autorizou o desenvolvimento de atividades pedagógicas não presenciais através da utilização de meios tecnológicos para educação infantil, ensino fundamental e médio, sendo essas desenvolvidas para o cumprimento da carga horária anual (BRASIL, 2020).

Em 2021, as aulas presenciais foram gradativamente retomadas, inicialmente no formato híbrido, que segundo Sales *et al* (2021, p. 203) “[...] se caracteriza pela divisão entre o ensino presencial e o ensino a distância/remoto”. Nas escolas pesquisadas esse formato envolveu o revezamento de alunos na sala de aula, em que se mesclou o ensino remoto com o presencial. Parte da turma assistiam presencialmente às aulas no ambiente escolar, enquanto os demais realizavam as atividades em casa.

Diante disso, passamos a perguntar: Qual o impacto da pandemia no processo de alfabetização de crianças do 1º ao 5º ano no retorno as aulas presenciais? Que desafios os docentes enfrentam para alfabetizar pós-pandemia? Que estratégias esses docentes estão adotando para enfrentar os desafios impetrados com a pandemia? Tem-se assim por objetivo geral discutir os impactos da pandemia no processo de alfabetização de crianças do 1º ao 5º no contexto pós-pandemia, isto é, quando as escolas, após dois anos passaram a receber seus alunos nas salas de aulas de forma presencial. De modo específico busca-se Identificar os impactos da pandemia no processo de alfabetização de crianças do 1º

ao 5º ano no retorno as aulas presenciais; Analisar os desafios enfrentados pelos docentes para alfabetizar; Conhecer as estratégias utilizadas pelos docentes para enfrentar esses desafios. Diante isto, realizamos a pesquisa em uma escola de ensino infantil e fundamental localizada na cidade de Breves, com a participação dos alunos e docentes das turmas do 1º ao 5º ano do fundamental.

Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, pois lida com um fenômeno complexo e dinâmico, logo, impossível de reduzir a variáveis mensuráveis (MINAYO, 2016). Na coleta de dados fizemos uso da observação participante, bem como conversa informais com os docentes. Conta-se com uma base bibliográfica, a partir de quatro categorias: alfabetização, educação na pandemia, alfabetização na pandemia, e desafios na docência pós-pandemia, que abarca produções de autores como Barbosa (1990) que discorre sobre a importância da prática cotidiana de alfabetizar; Leite e Leite (2020) que traz discussão sobre as teorias e práticas pedagógicas do ensino remoto e EaD; Araújo e Fahd (2020) que discute sobre as perspectivas para o retorno as aulas presenciais; Veloso "et al" (2022) que traz os impactos pós-pandêmicos vivenciados através de uma experiência no 3º ano e discute os impactos na aprendizagem dos educandos em processo de construção da leitura e da escrita; Soares (2003) que aborda conceitos e problemáticas da alfabetização e do letramento.

Estruturalmente, este texto conta com esta introdução, três tópicos e as considerações finais. A seguir, tratamos de aspectos históricos e teóricos da alfabetização no Brasil, destacando as mudanças ocorridas e os tipos de métodos forjados. No segundo tópico discorreremos sobre os efeitos da pandemia processo de alfabetização, em que se destaca a defasagem na leitura e escrita. O terceiro tópico pauta os desafios da alfabetização nas escolas pesquisadas, onde se verifica que o isolamento e a falta de um acompanhamento consistente durante a pandemia resultaram em retrocesso para a alfabetização dos alunos e, conseqüentemente, em desafios aos docentes. Ao finalizar defendemos a necessidade de se investir em uma política nacional que tenha a alfabetização como compromisso social, isso inclui métodos e técnicas críticas, como também formação continuada consistente.

2 A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS ACERCA DO MÉTODO DE ENSINO

Para melhor compreendermos a alfabetização no Brasil faz-se necessário conhecermos um pouco sobre os aspectos teóricos e históricos que permeiam esse processo. Um breve tour pela história permite verificar que a alfabetização desde o Brasil Colônia aos dias atuais passou por mudanças conceituais e metodológicas.

No contexto do Brasil Colônia a historiadora Maria Marcilio (2016) pondera que os missionários jesuítas responsáveis pela formação da elite colonial e catequese dos indígenas desenvolveram a alfabetização pautada no bê-á-bá, tendo como foco a religião e as primeiras letras. No final do século XVI, esses religiosos criaram o *Ratio studiorum*, método de como ensinar, desde o primário até a educação de jovens e adultos. Esse ensino, segundo Miranda (2009, p. 27), ocorria:

[...] por um lado, no fato de ele se destinar simultaneamente à formação de religiosos e de leigos; por outro lado, no fato de ele incluir, além da filosofia e da teologia, o estudo sistemático das humanidades: as línguas e a literatura, a retórica, a história, o teatro. Esse foi certamente o maior distintivo da proposta pedagógica da Companhia de Jesus.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, ocorrida em função do poder e autonomia política e econômica adquirida pelos religiosos, a educação passou a ser conduzida pelo governo, o que inaugura o ensino público constituído pela escola de ler e escrever. A partir daí, como aponta Marciano Araújo (2017), foram instauradas as reformas pombalinas, as quais instituía o ensino laico e público através das Aulas Régias¹. Em 1772, instaurou-se oficialmente o ensino público no país, com a manutenção do ensino religioso.

Em 1822, o ano da Proclamação da Independência do Brasil, o príncipe regente D. Pedro convocou assembleia constituinte para criar a primeira Constituição brasileira, aprovada em 1824. Este dispositivo estabeleceu a gratuidade do ensino público nos estabelecimentos oficiais. Porém, só a partir de 1880 que se estabeleceu a obrigatoriedade e gratuidade de escolas públicas, nessa época a escola de Jules Ferry concretizou o modelo de alfabetização escolar, o qual

¹ As aulas Régias que vieram para substituir o ensino jesuítico, abrangiam segundo Cardoso (2004) os estudos menores, que eram formados por aulas de ler, escrever e contar e o estudo da humanidade, contendo aulas de gramática latina, língua grega, língua hebraica, retórica, poética, e posteriormente incluindo filosofia moral e racional. Essas aulas aconteciam de forma avulsa, onde não dependiam uma das outras.

estabeleceu a associação entre escola e alfabetização. De acordo com Mortatti (2006) essa associação foi e, é bastante questionada em função das dificuldades enfrentadas pela escola para dar conta de sua tarefa histórica, de preparar o cidadão para a sociedade.

Entre os aspectos dessa relação destaca-se o modelo de alfabetização, o qual segundo a literatura consultada voltou-se, principalmente, para o sintético e o analítico. O primeiro com mais de 2000 anos de existência tem como base a compreensão de que a alfabetização inicia com a leitura dos elementos gráficos (o alfabético, o fônico, o silábico) para ocorrer a leitura da palavra em sua totalidade. Em outras palavras a base da língua portuguesa é silábica e fonética, com isso, ensina-se aos educandos as letras do alfabeto, o som dessas letras e as sílabas que são formadas por elas, para que assim possam partir para a leitura de palavras e frases (RANGEL; SOUZA; SILVA, 2017).

A partir dessa compreensão esse método pode ser classificado em: alfabético ou da soletração (parte dos nomes das letras); fônico (parte dos sons correspondentes às letras) e silábico (parte das sílabas). Esse método levou a criação das primeiras cartilhas brasileiras, e embora tal método apresentasse falhas em relação ao nível de aprendizagem dos educandos prevaleceu nas escolas por muitos anos (RANGEL; SOUZA; SILVA, 2017).

Barbosa (1990, p.47) esclarece que com esse método:

[...] os textos não tinham pontuação, as palavras não eram separadas por espaços em branco, a forma da letra era rebuscada e ornamental, a ortografia não estava normalizada. Todas essas dificuldades visuais do texto levavam o leitor à oralização como estratégia de leitura. Era um método que progredia lentamente; em geral, o aprendiz demorava quatro anos para começar a ler um texto completo. Só após esse período, ele iniciava a aprendizagem da escrita.

A partir de 1890, com a reforma paulista incorporou-se a ideia de Dewey a respeito de “Escola Nova”. Este teórico defendia que o ensino deveria partir da experiência da criança, com isso, Dewey colocava a criança no centro do processo de aprendizagem. Influenciado por esses ideais e por teóricos como Piaget, Vygotsky só para citar alguns, no final do século XIX e início do século XX, em oposição ao método sintético, postulou-se o método analítico ou global, o qual estabelece que o todo precede a análise das partes e da síntese. Isso quer dizer que

o ensino deve iniciar com a leitura da palavra ou frase para depois reconhecer suas partes constitutivas, isto é, a letra e a sílaba (RANGEL; SOUZA; SILVA, 2017).

A partir do século XX, devido, principalmente a “Reforma Sampaio Dória”, buscou-se conciliar ambos os métodos, dando espaço para os métodos mistos ou ecléticos, que procura juntar os métodos sintéticos e analíticos. No início da década de 1980, nota-se a presença do conceito construtivismo na educação, institucionalizado, principalmente através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O método construtivista que diferente do método tradicional, se baseia na ideia de que nada está pronto e acabado, e o conhecimento não pode ser dado como algo finalizado e como uma verdade absoluta, e sim constituído através das interações do indivíduo com seu meio físico e social (Becker, 1993, p.2), onde o aluno deve ter centralidade no processo de aprendizagem, sempre tentando resolver problemas, elaborar hipóteses e levantar questões a partir da sua leitura de mundo.

Para diferentes teóricos não faz sentido ficar discutindo entre um método e outro, fato que levou a perspectiva da desmetodização da alfabetização, sob a alegação que o conhecimento resulta da construção pessoal do aluno. Porém, há autores que ainda defendem a dualidade existente entre o novo e o tradicional, destacando as qualidades e defeitos dos métodos.

Todavia, entendemos que o método depende também do próprio entendimento que se tem/adota acerca da alfabetização. Na perspectiva de Soares (1985, p. 20): “[...] a alfabetização em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita”, envolve dessa forma não apenas a decodificação de letras e fonemas, mas a compreensão social da palavra, o que reforça ainda mais a ideia de alfabetizar não se trata de simples processo que pode ser definido somente a partir de seus métodos.

A Política Nacional de Alfabetização (PNA), define a “[...] alfabetização como o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético” (BRASIL, 2019, p. 18), em que a alfabetização abarca a representação gráfica das letras e dos sons do alfabeto.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo da educação básica brasileira, retoma ao método sintético, logo, dar-se ênfase aos aspectos fônico e silábico, o que analisamos como retrocesso que certamente impactará negativamente na formação de sujeitos críticos, acarretando assim, na

formação de analfabetos funcionais. Como se verifica no excerto abaixo, a preocupação da BNCC é com uma alfabetização pragmática, isto é, que proporcione ao sujeito codificar e decodificar o código e não necessariamente fazer a leitura de mundo da qual fala Freire (1996).

Determina a BNCC (BRASIL, 2017, p. 89-90)

Nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras) [...].

Concepção essa entendida por muitos autores como um retrocesso na alfabetização, pois, como aponta Silva e Mendes (2022, p. 45):

A alfabetização concebida como um processo mecânico, considerada como um mero código se associa a uma concepção empirista-associacionista, bem como está atrelada a um processo de memorização e repetição. Essa compreensão faz parte de uma discussão teórica no campo da alfabetização há mais de 40 anos, diante do paradigma da guerra dos métodos que permeia a história desde o Brasil Império, no qual, desde a década de 1980, estudos constatam a ineficácia dos antigos métodos de marcha sintética e analítica, associados ao modelo empirista/associacionista. Essa concepção da terceira versão da Base Nacional Comum Curricular rompe com o pressuposto de que o sistema de escrita alfabético é um sistema notacional complexo e que precisa ser efetuado por intermédio de mediações sistemáticas e planejadas.

Daí dizer que a alfabetização não pode ser considerada tão somente como um processo limitado, rudimentar e raso de aquisição da habilidade de leitura e escrita. A alfabetização vai além da decodificação das palavras, ela precede a leitura da palavra e a leitura de mundo como fala Freire (1996). Daí compartilharmos com Santos et al (2016, p. 3) que a:

[...] alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, ele não só precisa saber o que é a escrita, mas também de que forma a ela representa graficamente a linguagem.

Para que o/a aluno/a aprenda ler e escrever fazendo uso do aprendizado com qualidade, é extremamente necessário que o método de alfabetização não engesse a criatividade do/a aluno/a. Para isso, como pontuam Barni e Silva (2022, p. 238) os professores precisam entender que:

[...] nem todos os alunos aprendem da mesma maneira, por isso é necessário que o professor crie diferentes estratégias para que o processo de alfabetização das escolas tenha sucesso. Estas estratégias devem ser condizentes com o nível que cada aluno apresente, para isto é necessário que os profissionais saibam como atuar com os diferentes recursos para que o método de alfabetização vá além da memorização.

Para além do professor, é necessário também que a política educacional trate a alfabetização como processo não apenas de decifração de sons e códigos da palavra, mas mecanismo de inserção social.

Entre as estratégias para cuidar da alfabetização à luz da BNCC, tem-se o programa “Tempo de Aprender”, que: “[...] traça um plano estratégico para corrigir a rota das políticas públicas de alfabetização no país” (BRASIL, 2020). Nogueira e Lapuente (2022, p. 122), descrevem o módulo dois dessa formação continuada:

O referido módulo é organizado em dez vídeos, um de introdução e os demais com duração média de dois a seis minutos, que sistematizam o trabalho com sons, palavras, sílabas, aliterações e rimas. Para cada aula, é indicado o ano escolar que se destina – em muitos casos é recomentado para mais de um ano – os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) correlatos, além disso, é disponibilizada uma ficha com estratégias de ensino.

E a partir das análises das vídeo aulas, presentes nesse módulo, concluem que:

Nas vídeo aulas analisadas, as crianças aparecem como meras receptoras e repetidoras de informações prontas, sem direito a vez e a voz, pois precisam se adequar a um protocolo de perguntas e respostas padronizadas e somente podem sair do seu lugar, quando autorizadas pelas professoras. Trata-se de uma visão reducionista e unilateral de formação de professores, organizada como uma instrução programada por passos a serem seguidos pelas alfabetizadoras. Em nenhuma vídeo aula percebemos espaço para reflexão, para uma prática crítica, criativa e transformadora, ao contrário, confere o que estamos indicando como um desserviço à alfabetização em função da sua concepção retrógrada, que apaga o arcabouço teórico e as práticas alfabetizadoras plurais das escolas brasileiras. (NOGUEIRA, LAPUENTE, 2022, p. 133).

O programa “Tempo de Aprender” que é uma política nacional de alfabetização, lançado pela Secretaria de Alfabetização (Sealf) em fevereiro de 2020 pelo governo de Jair Bolsonaro, foi desenvolvido com o propósito de enfrentar as principais causas das deficiências da alfabetização no país. Tanto que abarca quatro eixos: formação continuada de profissionais da alfabetização; apoio pedagógico e

gerencial para a alfabetização; aprimoramento das avaliações da alfabetização; valorização dos profissionais da alfabetização. No entanto, se essa política permanecer da maneira em que analisam os autores acima, de forma reducionista e unilateral na forma de ensino da alfabetização, é quase inevitável que esse processo sofra impactos indesejados.

3 PANDEMIA E EDUCAÇÃO: EFEITOS E DESAFIOS À ALFABETIZAÇÃO

A pandemia do Covid-19 confirmada pela OMS em 2020 causou impacto em todas as dimensões da sociedade, e uma das áreas mais afetadas foi a educação escolar. De portas fechadas para evitar o contágio e frear o avanço do vírus as escolas foram “obrigadas” a enfrentar o desafio de educar a distância não apenas por 15 dias ou um mês como se cogitou que duraria inicialmente o isolamento social, mas por 2 anos. Tempo este que alunos e profissionais da educação precisaram lidar com o então ensino remoto, estratégia adotada e implementada pelos órgãos oficiais por meio de resoluções, pareceres, decretos e medidas provisórias. Como escrevem Leite e Leite (2020, p. 59):

Foi forçosa a multiplicação de resoluções, pareceres, decretos legislativos e medidas provisórias orientativas para as instituições de ensino. O alvejado era a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais para substituir o ensino presencial. As orientações se pautavam na possibilidade do cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária do ano escolar letivo de 2020.

A produção científica e jornalística disponível revela que educadores e alunos de escolas públicas, principalmente das periferias urbanas e realidades distantes dos epicentros nacionais, como é o caso da região marajoara, enfrentaram dificuldades para efetivar a contento o ERE. Isso se deu devido à falta de equipamentos, conexão precária da internet e o desconhecimento de plataformas e aplicativos online. Muitos docentes se viram obrigados a comprar equipamentos como celular, notebook, microfone, fone etc., bem como tiveram que aprender a lidar com aplicativos e plataformas para gravar aulas, organizar os conteúdos etc., e quase sempre por conta própria.

Em Breves, diante da precariedade material por parte da maioria dos discentes e, também, das escolas públicas que não contava com equipamentos tecnológicos e acesso à internet com qualidade, a saída bastante tardia foi adoção de cadernos pedagógicos para os alunos do ensino fundamental e educação infantil. Esses cadernos produzidos pelos professores eram repassados aos alunos a cada 15 dias.

Na escola onde realizamos este estudo os professores, com apoio da coordenação pedagógica, montavam os cadernos de atividades e os pais/responsáveis dos alunos na data marcada buscavam e levavam os referidos cadernos para serem avaliados pelos professores. Nos relatos dos docentes com quem conversamos o ensino remoto foi muito difícil para os alunos, pois a maioria se encontra em situação de vulnerabilidade socioeconômica, logo, não contam com espaço adequado em casa para estudar, em muitas situações não tinham alimentos. Tem o fato de muitos pais/responsáveis não saberem ler e escrever, o que impossibilitou de orientar os/as filhos/as nas atividades escolares, como bem descreve Alves *et al* (2022, p. 3)

[...] sabemos que para os pais não é tarefa simples, visto que, precisam conciliar trabalho, afazeres domésticos e orientação dos filhos, lembrando que nem todos os pais ou responsáveis têm condições do ponto de vista didático, de dar conta da tarefa de ensinar os filhos os conteúdos trabalhados pela escola

Compreendemos que uma criança em processo de alfabetização precisa do intermédio entre ela e o conteúdo para poder entender o que se deve fazer, e aprender com esse processo. Em outros termos a criança em processo de alfabetização necessita de apoio do/a professor/a ou de alguém com capacidade para acompanhar e orientar na realização das atividades escolares. A falta desse apoio resultou em maiores dificuldades para o/a aluno/a em relação a aprendizagem.

Com isso, podemos evidenciar dados preocupantes sobre a alfabetização a partir de uma nota técnica disponibilizada pela ONG “Todos pela educação” (2021). Revela esta nota:

Entre 2019 e 2021, houve um aumento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos de idade que, segundo seus responsáveis, não sabiam ler e escrever. Eram 1,4 milhão de crianças nessa situação em 2019 e 2,4 milhões em 2021. Em termos relativos, o percentual de crianças de 6 e 7 anos que, segundo seus responsáveis, não sabiam ler e escrever foi de 25,1% em 2019 para 40,8% em 2021.

Esses dados nos trazem a reflexão de como a não alfabetização na idade certa impacta negativamente o pleno desenvolvimento das crianças, pois traz desafios para sua futura aprendizagem e torna o processo escolar ainda mais penoso, tanto para o aluno quanto para o professor. Dessa forma faz-se necessário a pesquisa acerca dos desafios no processo de alfabetização encontrados no período presencial.

4 DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO OBSERVADOS DURANTE A PESQUISA

4.1 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada na escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental “Roberto Ferreira²”, localizada na cidade de Breves. Atualmente a escola possui 7 salas de aula, 1 diretoria que também funciona como sala de coordenação pedagógica, 1 sala de professores, 1 sala do Programa Mais Educação, 1 arquivo, 1 secretaria, 1 sala de leitura, 1 copa, 1 área de serviço, 1 salão coberto, 1 dispensa, 1 banheiro para a educação infantil, 2 banheiros (feminino e masculino), 1 banheiro de servidores. Seu quadro funcional é composto de trinta servidores com idade que varia entre 23 e 52 anos, sendo 4 agentes de alimentação, 2 agentes de vigilância, 2 agentes de portaria, 3 agentes de limpeza, 1 agente escolar, 1 agente administrativo. 1 diretor, 1 vice-diretor, 2 coordenadoras pedagógicas. Recebendo o quantitativo de 350 alunos, distribuídos em dois turnos diurnos. A estrutura física da escola compreende dois blocos de salas em dois andares contendo também a parte administrativa e uma área coberta utilizada para aulas de: educação física, Mais Educação, reuniões e eventos da escola (PPP, 2017).

² O nome em questão trata-se de um nome fictício que foi empregado para nos referirmos a escola em que fizemos a pesquisa.

Os dados disponibilizados pela escola através de pesquisa feita pela própria instituição, revela que a maioria dos alunos reside com os pais, e uma grande porcentagem desses alunos moram nos bairros cidade nova I e II, o número de habitantes da residência dos alunos varia de 5 a 10 pessoas ou mais. A situação empregatícia dos pais ou responsáveis é em grande parte trabalha na informalidade, recebendo assim menos de um salário-mínimo, e alguns benefícios. Quanto a escolaridade dos pais ou responsáveis, o número de alfabetizados e não-alfabetizados tem porcentagem quase que similar, sendo respectivamente, 33% e 20% e nenhum responsável possui nível superior (PPP, 2017).

4.2 Procedimentos metodológicos

A pesquisa em questão, trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, pois lida com um fenômeno complexo e dinâmico, logo, impossível reduzi-lo a variáveis mensuráveis (MINAYO, 2016). Na coleta de dados fizemos uso da observação participante, tipo de técnica em que observador e observados encontram-se em uma relação de interação no ambiente natural (SERVA; JAIME JÚNIOR, 1995). A observação foi realizada na escola-campo durante o período de 18 de abril a 20 de maio de 2022, cujo dados foram devidamente registrados no diário de campo. Além das observações também fizemos registro das conversas informais com seis docentes que trabalhavam nas turmas do 1º ao 5º ano, que nos acompanharam na realização de nossos estágios de Docência no Ensino Fundamental.

Conta-se ainda com uma base bibliográfica e análise documental. A pesquisa bibliográfica “[...] tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas” (SOUZA, OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 65) o que nos proporcionou neste estudo ampliar nossa compreensão acerca do tema estudado. A análise documental conforme HELDER (2006. p. 1/2) trata-se de “[...] documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor”.

Neste estudo recorreremos a essa técnica para complementar nossos dados e assim enriquecer a pesquisa. Analisamos a BNCC e os Projetos Pedagógicos da escola-campo. Desses documentos verificamos informações acerca da alfabetização

no que tange a BNCC e da história das escolas e perspectiva de alfabetização no que se refere aos Projetos Pedagógicos.

4.3 Desafios da alfabetização: “retrocessos” e avanços na aprendizagem

No decorrer da pesquisa observamos alunos que conseguiam identificar apenas alguns fonemas como das vogais / a /, / e /, / i /, / o /, / u / e as consoantes / b /, / d /, / m /, / t /, e demonstravam bastante dificuldades em diferenciar algumas letras como m e n; p e q; b e p. Também, verificamos que a maioria demonstrava dificuldade para copiar da lousa.

Nesse exercício identificamos que os alunos enfrentam dificuldade com coordenação motora fina, que segundo Alves (2005, p.58), “[...] é uma coordenação segmentar, normalmente com a utilização das mãos exigindo precisão nos movimentos para a realização das tarefas complexas utilizando também os pequenos grupos musculares”. Devido esses alunos passarem o período de pandemia sem exercitar esses músculos, era quase inevitável que isso acontecesse em alguns casos. Destacamos, ainda, que a maioria dos alunos no 3º, 4º e 5º ano estavam na fase silábica sendo que não conseguiam fazer a relação do som com a grafia. No 3º ano haviam cerca de 18 alunos, no 4º ano 15 alunos, e no 5º 19 alunos.

Outro complicador refere-se a compreensão dos conteúdos, aliás, fazer com que as crianças compreendessem os conteúdos que mal conseguiam copiar da lousa. Para isso, observamos certa preocupação por parte dos docentes com a linguagem, a qual deve ser adequada ao nível de conhecimento dos alunos, no sentido de proporcionar entendimento e diálogo contínuo. Como escreve Hypolitto (1999, p. 2) “se o professor se dá conta de que não está sendo entendido, cumpre-lhe investigar por que e proceder as mudanças necessárias. O aluno não vai mudar: é fruto de seu tempo, tem suas características e necessidades”

Entre as estratégias adotadas pelas docentes para enfrentar esses desafios destaca-se o ditado, o qual passou a ser uma prática recorrente em todas as aulas, independente da disciplina. Percebemos que as professoras se preocuparam em buscar meios para adequar o ditado as dificuldades de seus alunos indo assim além da prática tradicional. Atitude que se aproxima do que pontua Sousa (2014, p. 120) “o professor dita e os alunos, diferentemente do que se passa no ditado tradicional,

têm a oportunidade de colocarem as suas dúvidas e expor as razões porque escrevem de determinada maneira”.

A prática do ditado por nós observado ocorreu da seguinte forma: inicialmente a professora mostrou imagens impressas e pediu que os alunos escrevessem o nome das figuras representadas nas imagens. Nos revelou que esse processo lhes possibilitava acompanhar o desenvolvimento tanto da escrita quanto da leitura dos alunos. Também permitia identificar as dificuldades específicas de cada aluno, isto é, aquele se destacava na leitura, mas com dificuldade na escrita e vice-versa. Uma vez destacando as dificuldades passava a trabalhar mais a fundo cada dificuldade. Uma das estratégias foi a organização de um quadro com sílabas soltas para que os alunos pudessem identificar e até mesmo formar palavras com elas.

Outra forma que observamos da prática do ditado desenvolvido principalmente nas turmas do 3º, 4º e 5º ano envolveu a seguinte dinâmica: a professora distribuiu um pequeno texto para os alunos memorizarem as palavras, em seguida pediu que os mesmos, transcrevessem tais palavras para o caderno. Esse método é bastante conhecido e utilizado por vários professores, pois, como afirma Sousa (2017, p. 1):

[...] o ditado é uma das tarefas que permitem observar as zonas de dificuldades dos alunos, no que ao registo diz respeito. Ao observar as hesitações, as dúvidas e os erros, aluno e professor podem ter uma visão mais próxima do que está a ocorrer no processo de aprendizagem e quais as áreas da língua e/ou da escrita que causam mais problemas. Visto desta forma, o ditado pode ser usado como um meio para analisar as dificuldades dos alunos e uma plataforma para planejar o ensino.

Observamos que os alunos foram demonstrando avanço, principalmente na escrita, isto é, já não demonstravam tanta dificuldade motora como no começo das aulas. A partir dessa estratégia, os professores conseguiram fazer um diagnóstico das dificuldades dos alunos e assim, planejar atividades que pudessem atingir os problemas de aprendizagem.

Os dados permitem sugerir que os professores adotaram também como estratégia o reforço escolar para os alunos que apresentavam maior grau de dificuldade em relação a escrita e a leitura. Os professores passavam atividades de alfabetização para esses alunos durante momentos específicos das aulas, por exemplo, faziam exercícios a partir da leitura de livros de literatura e entregavam

fichas chamadas de “silabas móveis” feitas de papelão e outros materiais, com silabas para que os alunos pudessem ir formando palavras. Esse de acordo com os comentários dos docentes foi um meio encontrado para não atrasar os conteúdos que deveriam ser trabalhados como indicado pela BNCC e planejamento da escola.

O reforço escolar é de grande importância para o processo de ensino aprendizagem, pois como aborda, Rosa (2014, p. 117):

O reforço escolar complementa e amplia os conhecimentos das crianças, pois trabalha de forma lúdica e didática buscando novas técnicas e procedimentos para trabalhar as principais dificuldades dos alunos reforçando a aprendizagem recebida na sala de aula e despertando o gosto e interesse pela leitura, escrita e cálculo.

É importante ressaltar que muitos docentes relatavam a falta de tempo e material para tentar buscar novos métodos e práticas que pudessem ajudá-los durante as aulas, na escola a única impressora não estava funcionando o que dificultava a impressão de atividades, e a única solução era procurar espaços externos como gráficas onde os próprios arcavam com a despesa, sem contar que a escola não possuía recursos pedagógicos (tesoura, cola, EVA, cartolina, lápis, Datashow, notebook), que ajudassem o desenvolvimento de atividades na sala de aula. Apontavam ainda a falta de formação continuada que deveriam ser disponibilizados a eles devido ao período de pandemia e pós-pandemia. Em se tratando dos métodos de alfabetização, o que prevalecia entre os docentes era o método sintético. Onde utilizavam principalmente a unidade de linguagem silábica, antes de partirem para o todo da palavra, até a unidade fônica, onde apresentavam os fonemas(sons) das letras para desenvolver o vocabulário dos/as alunos/as para que houvesse melhora na compreensão de textos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a pandemia do Covid-19, inflamou ainda mais diversas problemáticas que se faziam presentes na educação pública brasileira, desde muito tempo. A alfabetização, sendo um processo que se faz em conjunto com a aquisição e construção de habilidades básicas desses alunos do ensino fundamental, não se sobressaiu as novas formas de ensino que tiveram que ser adotadas diante à situação em que estávamos passando, e sofreu ainda mais, como pode ser

observado, no retorno as aulas presenciais.

E a partir dos objetivos da pesquisa, podemos concluir que: como apresentado, com o fechamento das escolas, em função da pandemia, os alunos/as tiveram o contato limitado com as práticas pedagógicas escolares. Na verdade, ficaram sem contato direto com os docentes, com o material escolar e os outros colegas, e se não bastasse o distanciamento muitos alunos não tiveram apoio dos pais/responsáveis. Diante disso, não conseguiram desenvolver as habilidades necessárias na leitura e escrita no ano que estavam matriculados. Os impactos causados pela pandemia foram observados no retorno as aulas presenciais, quando boa parte dos alunos apresentaram dificuldades em identificar as letras, escrevê-las e progredir nos conteúdos propostos para sua faixa etária.

Com o enfrentamento as problemáticas na alfabetização pós-pandemia, tiveram que lidar com níveis diferentes de conhecimento na leitura e escrita dos alunos. Para isso, eles precisaram adaptar as suas práticas pedagógicas de modo que os alunos pudessem evoluir no processo de alfabetização, bom como acompanhar o conteúdo curricular adotado nas escolas e reduzir o déficit de aprendizagem. Na tentativa de inovar essas práticas, enfrentaram vários obstáculos, e a pergunta que se faziam era: “como fazer diferente, como inovar com poucos recursos disponíveis na escola?”. Os docentes revelaram que não conseguiam desenvolver atividades lúdicas sobre a alfabetização, por não terem tempo para planejá-las. Nesse aspecto ficou claro que a falta de formação continuada foi e é um dos problemas relatados e enfrentados pelos docentes. Estes afirmaram que em muitos momentos se sentiram perdidos na própria prática, e sem saber como trabalhar o conteúdo com aquele aluno que não é alfabetizado, mas que já deveria ser alfabetizado.

A pesquisa mostrou que os docentes precisaram definir estratégias nas aulas para combater as dificuldades na alfabetização. Sendo que uma das principais estratégia foi o ditado, método tradicional que reconfigurado pelos professores apresentou bons resultados. Através do ditado as professoras puderam acompanhar o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos, na verdade, puderam realizar uma espécie de diagnóstico dos alunos, pois foi possível identificar as principais

dificuldades de cada aluno e assim definir quem precisava de mais atenção do docente, e quais necessitavam de mais apoio na realização das atividades.

A estratégia de montar um quadro com sílabas formando palavras já familiarizadas pelos alunos, possibilitou aos discentes conhecimento e apropriação de novas palavras. O reforço escolar pautado em atividades da leitura de livros de literatura e criações de palavras com sílabas móveis foi outra estratégia encontrada pelos docentes para driblar o problema com o déficit na alfabetização. Podemos dizer que tais estratégias estão pautadas nas bases do método sintático, com ênfase na silabação e nos sons das palavras.

Com esta pesquisa pode-se constatar que a pandemia trouxe barreiras para o processo de alfabetização, pois, as crianças foram limitadas a desenvolver as habilidades necessárias para que houvesse a construção do aprendizado. Fenômeno que se tornou muito mais perceptível com o retorno desses alunos as aulas pós-pandemia, quando se observou as dificuldades deles com a escrita e a leitura. Tudo isso, como já mencionado, resultou em grandes desafios para os docentes que na medida do possível tiveram que recorrer a “velhas práticas” e reinventá-las.

O exposto até aqui nos fez refletir a urgência e necessidade em investir em uma política nacional e, também, local de alfabetização, uma política que priorize o aprendizado crítico do aluno. Isso implica em investir na formação continuada dos docentes e dar condições materiais para que se atenda às necessidades educacionais dos alunos. Superar o déficit na aprendizagem é condição para superar questões como formação precária, pouca escolaridade, redução do senso crítico entre outros fatores que impactam de forma negativa na educação e sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edna Vanessa De Andrade et al.. A importância da atuação dos pais no acompanhamento da aprendizagem dos filhos no contexto do ensino remoto. **Anais VIII ENID & VI ENFOPROF / UEPB...** Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/85294>. Acesso em: 09/07/2022.

ALVES, Fatima. **Psicomotricidade: corpo ação e emoção**. 2. ed, Rio de Janeiro; Wak, 2005.

ARAÚJO, Marciano Vieira de. A Evolução do Sistema Educacional Brasileiro e seus Retrocessos. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 02, Ed. 01, Vol. 1. pp 52-62, Abril de 2017.

BARBOSA, José. **Alfabetização e Leitura**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1990. 159 p.

BARNI, Edí; SILVA, Diego. Reflexões sobre as diferentes estratégias para alfabetização e letramento infantil na atualidade. **MEDITATIO- Revista de ciências sociais e aplicadas**. V.1, n.9, p. 237- 245, 2022.

BECKER, Fernando. **O que é construtivismo**. Ideias. São Paulo: FDE, n.20, p.87-93, 1993.

BRASIL. Lei nº 14.040/2020, de 18 de agosto de 2020. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade. Brasília DF: **Diário Oficial da União**, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf Acesso em: 30 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf Acesso em: 25 fev. 2023.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As aulas régias no Brasil. *In*: STEPHONOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e memórias da educação no Brasil**: Vol. I. Séculos XVI – XVIII, 2004, p.179-191

FERREIRA, L. G.; FERREIRA, L. G.; ZEN, G. C. Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna. **Vertentes & Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados**. Bahia, v. 12, n. 2, 283-297, jul./dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

HYPOLITTO, Dinéia. O professor como profissional reflexivo. **Revista. Integração–ensino–pesquisa–extensão**. São Paulo: USJT, n. 18, 1999.

LEITE, Francisco; LEITE, Emanuelle. O ensino remoto e educação a distância: Teorias e práticas pedagógicas durante a pandemia da covid-19. *In*: PAIVA JÚNIOR, Francisco Pessoa de (Organizador). **Ensino remoto em debate** [recurso digital] 1. ed. -- Belém: RFB Editora, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; Deslandes, Suely Ferreira; Gomes, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis; Vozes; 2016. 95 p.

MIRANDA, Maria Margarida Lopes de. Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus-Regime escolar e curriculum de estudos. **Código Pedagógico dos Jesuítas**. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus-Regime escolar e curriculum de estudos, 2009.

MORAES, Luana. Normas aplicadas ao ensino remoto: Uma análise das portarias nº 343 e 345 do ministério da educação á luz do direito brasileiro. *In*: PAIVA JÚNIOR, Francisco Pessoa de (Organizador). **Ensino remoto em debate** [recurso digital] 1. ed. -- Belém: RFB Editora, 2020.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. Resumos [...] História dos métodos de alfabetização no Brasil. **Alfabetização e letramento em debate**. Brasília, 2006.

NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; LAPUENTE, Janaina Soares Martins. Tempo de aprender: um desserviço para a alfabetização no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 16, p. 117-136, 2022.

RANGEL, Franciele de Azevedo; SOUZA, Emmily Cristina Firmino de; SILVA, Ana Carla de Azevedo. **Métodos tradicionais de alfabetização no Brasil**: processo sintético e processo analítico, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/includere>. Acesso em: 10 de fev. 2023.

ROSA, Ana Carine Silva Sampaio. O reforço escolar como espaço de superação das principais dificuldades escolares. *In*: **Anais do IV congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás (CEPE/UEG)**: Como você transforma o mundo. 2017.

SALES, S. et al. Ensino híbrido: o novo normal na educação em tempos de pandemia. *In*: ALMEIDA, Flávio Aparecido de (Org.). **Políticas Públicas, Educação e Diversidade**: uma compreensão científica do real. Guarujá: Científica Digital, 2021.

SANTOS, Ana Cláudia. **Alfabetização e Letramento: dois conceitos, um processo**. 2016.

SERVA, Maurício; JAIME JÚNIOR, Pedro. Observação participante pesquisa em administração: uma postura antropológica. **Revista de administração de empresas**, v. 35, p. 64-79, 1995.

SILVA. Daniele do Nascimento da; MENDES. Solange Alves de Oliveira. **Diálogos em educação**: núcleos formativos, processos de ensino aprendizagem e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro, v. 1, p. 37-56. 2022. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Gil-Silva-Almeia/publication/364305317_LITERATURA_LUDICIDADE_E_CONHECIMENTO_A_TERTULIA_LITERARIA_E_O_ENSINO_DE_LINGUA_PORTUGUESA/links/634473e39cb4fe44f319a7eb/LITERATURA-LUDICIDADE-E-CONHECIMENTO-A-TERTULIA-LITERARIA-E-O-ENSINO-DE-LINGUA-PORTUGUESA.pdf#page=37

Acesso em: 01 mar. 2023.

SOARES, Magda B. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1358/1359>.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.** (25); Abr., 2004.

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

SOUSA, Otilia. Educação e Formação: O Ditado como estratégia de aprendizagem. **EXEDRA- Revista Científica ESEC**. n. 9. 2014. Disponível em:

<file:///C:/Users/INFO%2008/Downloads/Dialnet-ODitadoComoEstrategiaDeAprendizagem-6499000.pdf> Acesso em: 27 de mar. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Impactos da pandemia na alfabetização de crianças**. Fev. de 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf> Acesso em: 14 mar. 2023.

UNIVESP. **Na Íntegra - Maria Luiza Marcílio - Alfabetização na História do Brasil**. Youtube, 18 de fev. de 2016. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=14NHDHeeyr4> . Acesso em: 28 de Jan. de 2023

VELOSO, Geisa et al. Práticas de alfabetização e letramento em sala de aula pós-pandemia. **XIII CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. Jun. 2022.

VELOSO, Geisa Magela et al. Práticas de alfabetização e letramento em sala de aula pós pandemia. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 13, 2022. **Anais** [...] Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, 2022. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/xiii-congresso-nacional-de-pesquisa-em-educacao/trabalho/236929>. Acesso em: 09/07/2022